

A evidência da literatura

Samira Murad*

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, da FFLCH-USP, e membro do grupo Criação e Crítica. e-mail: samira.murad@gmail.com

GOTTSCHALL, J. *Literature, Science, and a New Humanities*. New York: Palgrave Macmillan, 2008. 217p.

No âmbito dos estudos literários, a primeira década do século XXI testemunhou o aparecimento de uma série de publicações que defendiam uma relação mais estrita entre a crítica e a teoria literárias e o conhecimento científico obtido pelas ciências “duas”. Entre outros, livros como *On the origin of stories*, de Brian Boyd (2009), e *Why we read fiction - theory of mind and the novel*, de Lisa Zunshine (2006), discutiram, respectivamente, a relação entre evolução e literatura e entre literatura e cognição. A essa linha de publicações vem somar-se o livro *Literature, Science and a New Humanities*, de Jonathan Gottschall.

Dividido em duas partes – a primeira tratando da teoria, do método e da atitude dos “novos” estudos literários e a segunda apresentando alguns estudos de caso nos quais a discussão teórica é posta em prática –, o livro de Gottschall funciona como uma espécie de manifesto escrito com o intuito de desbravar e defender um outro caminho crítico para as humanidades, com ênfase especial nos estudos literários.

O argumento que fundamenta a necessidade dessa outra via segue as seguintes linhas: primeiramente, parece haver uma percepção atual, por parte dos próprios pesquisadores em humanidades, de que há uma crise na área devido à aparente perda de fôlego do que é comumente conhecido como pós-estruturalismo. Essa crise seria o capítulo mais recente de uma “angústia existencial” presente no âmbito dos estudos literários desde seu estabelecimento como disciplina acadêmica formal, há pouco mais de cem anos, nos países de língua inglesa. Gottschall identifica como razão principal para esse permanente estado de crise o que chama de “dificuldade, por parte dos críticos, em acumular conhecimento confiável e duradouro”. Isso ocorreria por que o método de investigação utilizado nos estudos literários concentraria a maior parte de seus esforços no desenvolvimento de argumentos e contra-argumentos em torno de questões mais ou

Tradução minha, assim como as seguintes. “[...] literary scholars only rarely succeed in accumulating more reliable and durable knowledge” (GOTTSCHALL, 2008, p. 7).

menos “permanentes” - algumas colocadas em discussão na antiguidade clássica. Já o sucesso desse método dependeria mais da moda do momento e do carisma dos investigadores. Essas afirmações aparentemente explosivas não seriam controversas para Gottschall; segundo sua vivência na área, quase nenhum pesquisador em humanidades sentiria necessidade de contestá-las. Seria mais provável que os críticos literários discordassem das suposições que estão na base do argumento como, por exemplo, a ideia de que o objetivo principal da crítica literária é a produção de conhecimento confiável e duradouro ou de que haja acúmulo desse tipo de conhecimento em outras disciplinas. O resultado desse estado de coisas é que haveria apenas um consenso mínimo em relação à existência da crise, os críticos literários discordando em relação a todo o restante do problema.

Para Gottschall, essa falta de consenso está relacionada a uma particularidade do paradigma pós-estruturalista, a saber, a desconfiança em relação à capacidade humana de obtenção de conhecimento. Para ele, em determinado momento, “os críticos literários deixaram de ver-se como produtores de conhecimento e passaram a agir como agentes de sua dissolução, imperturbáveis [em seu propósito], e cujo ácido era o mais perfeito ceticismo”². Como consequência, a prática pós-estruturalista tomou a forma de “uma série infindável de perguntas sem qualquer crença na possibilidade de uma resposta válida”³. Nesse contexto, não haveria mais a possibilidade de confiança nem no conhecimento nem em seu progresso, uma vez que a própria ideia de progresso também desapareceria.

De acordo com Gottschall, é esse pessimismo com relação à possibilidade de conhecimento que estaria na base da crise atual das humanidades. Porém, conforme lembra Gottschall, essa crítica do conhecimento feita pelos pós-estruturalistas não é um problema recente que se colocou apenas para as humanidades. Bem antes, a própria prática científica teve de lidar com a impossibilidade de “conhecer a verdade sobre qualquer coisa no sentido de sua realidade fundamental”⁴. Daí, por exemplo, a necessidade de um conceito como o de falseabilidade, tal como proposto por Popper, que seria uma tentativa de “lidar com o fato de que não é logicamente possível *provar* qualquer reivindicação científica através de experimentos”⁵. Essas constatações, no entanto, não impediram os cientistas de continuar “seu processo gradual de pensamento racional realizado em conjunto com testes de falseabilidade de modo a mostrar de que lado a evidência se encontra”⁶. Para Gottschall, “isso é o melhor que os seres humanos podem fazer e não é pouca coisa”⁷.

Por isso, Gottschall propõe que os estudos literários aproximem-se mais da prática científica tal como descrita acima (“processo gradual do pensamento racional realizado em conjunto com testes de falseabilidade de modo a mostrar de que lado a evidência

2 “[...] literary academics began seeing themselves not as knowledge generators but as uncompromising knowledge dissolvers whose acid was perfect skepticism”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 10)

3 “Thus, praxis in the liberationist era has amounted to endlessly asking questions while despairing of more valid answers”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 11)

4 “[...] to know the truth of something in the sense of its ultimate reality”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 11)

5 “[...] to grapple with the fact that it is not logically possible to *prove* any scientific claim by experiment”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 11)

6 “[...] through a gradual process of rational thinking and falsifying tests, communities of scientists can show where the preponderance of evidence lies”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 11)

7 “This is the best humans can do, and this is no small thing”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 11)

se encontra”) - enfoque que, até o momento, teria sido pouco utilizado nos estudos literários, apesar das várias tentativas de sistematização desses estudos e da transferência de conceitos de outras áreas do conhecimento. Para Gottschall, “pouco importa quão sistemática a estrutura conceitual [que sustentava as análises] era, as questões [nos estudos literários] continuaram a ser exploradas com os mesmos métodos conhecidos de leitura cuidadosa e argumentos cerrados.”⁸ Juntamente com essa manutenção de métodos, alguns enfoques que se queriam, de início, “científicos” (Gottschall destaca, entre eles, algumas vertentes do Marxismo e da psicanálise) transformaram-se no que o autor chama de “anti-ciência”, isto é, teorias que resistiam aberta e ativamente a qualquer evidência negativa. Foi esse estado de coisas – a natureza metodologicamente não científica de escolas críticas supostamente “científicas” – que convenceu a maioria dos críticos contemporâneos da futilidade de se pensar em uma “ciência da literatura”. A proposta de Gottschall diferiria das tentativas anteriores na medida em que não sugere apenas que “os estudos literários sejam ‘mais científicos’ (o que quer que isso signifique) ou que os críticos saibam mais sobre ciência [...] mas sim que os críticos façam ciência”⁹, isto é, que levantem hipóteses sobre a literatura como vinham fazendo até então mas que as confrontem com o que chama de “testes de falseabilidade”. É essa reivindicação que irá desenvolver em toda sua extensão nos capítulos seguintes, colocando-a em prática, como dissemos, na segunda parte do livro que traz, por exemplo, um levantamento quantitativo das características do que chama a “heroína das mil faces”. Inspirando-se no interesse crítico pelas representações literárias de heróis do sexo masculino em diferentes culturas – interesse que sustenta o importante livro de Joseph Campbell intitulado *O herói de mil faces* –, Gottschall propõe uma aproximação da questão não apenas argumentativa, mas também quantitativa. Para isso, seleciona uma série de lendas de diferentes regiões do globo e as submete a uma análise de conteúdo que consiste numa espécie de “leitura guiada”, realizada por um grupo de voluntários. Os mais de 1.307 formulários gerados pela leitura de 658 lendas distintas foram, então, submetidos a uma análise quantitativa com o objetivo de tentar traçar um perfil estatístico das características daquela figura feminina.

É interessante notar que Gottschall tem plena consciência de que sua proposta é abertamente polêmica, pois, como afirma na seção de agradecimentos, seu livro “opera em território político sensível e sua mensagem geral certamente será controversa. Há muitas pessoas de [seu] público-alvo que irão sentir-se nauseadas ou pessoalmente ultrajadas por [seu] diagnóstico dos problemas dos estudos literários acadêmicos, por [sua] proposta de mudança e pela forma como [reuniu] estudos de casos ilustrativos”¹⁰. Mas é justamente o caráter explosivo desse diagnóstico,

8 “No matter how systematic the underlying conceptual structure, questions were ultimately explored with the old methods of careful reading and close argument”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 11)

9 “I will not merely suggest that literary studies should be ‘more scientific’ (whatever that means), or that scholars should know more about science (as C. P. Snow averred in ‘The Two Cultures’), but that literary scholars should actually do science”. (GOTTSCHALL, 2008, p. 13)

10 “This book operates in politically sensitive territory and its total message is certain to be controversial. There are many in my intended audience who will feel queasy, or personally outraged, by my diagnosis of maladies in literary academia, by my prescriptions for change, or by my mustering of illustrative case studies” (GOTTSCHALL, 2008, p. xv)

dessa proposta e de sua ilustração que faz com que este livro seja presença obrigatória em qualquer debate contemporâneo sobre os estudos literários, uma vez que coloca, de maneira bastante persuasiva e pertinente, questões fundamentais sobre as práticas que permeiam os estudos literários.

Resenha recebida em: 26/01/2011
Resenha aprovada em: 23/02/2011

Referência eletrônica: MURAD, Samira. A evidência da literatura. *Revista Criação & Crítica*, n. 6, p. 97 – 100, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N6_Resenha_SMurad.pdf>